

IDENTIFICAÇÃO E CATALOGAÇÃO DE ESPÉCIES DE PLANTAS MEDICINAIS PRESENTES NAS COMUNIDADES ATENDIDAS PELA INCUBADORA DE INICIATIVAS DA ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (IEPS/UEFS)

Beatriz dos Santos **SOARES**¹; Julianna da Silva **ARAÚJO**²;
José Raimundo de Oliveira **LIMA**³; Elízia Priscila Souza de **OLIVEIRA**⁴

Resumo: As plantas medicinais são correntemente utilizadas por comunidades tradicionais no tratamento de doenças e sintomas. O presente trabalho se objetivou em realizar um levantamento e identificação de espécies de plantas medicinais, utilizadas na Comunidade Quilombola da Lagoa Grande, Distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana - BA, bem como para quais doenças ou sintomas são empregadas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 57 moradores locais, as quais permitiram identificar o uso de 87 espécies distintas de plantas medicinais, pertencentes à 40 famílias. As famílias mais citadas foram *Lamiaceae* (11,49%), *Asteraceae* (8,05%), *Myrtaceae* (5,75%), *Anacardiaceae* (4,60%) e *Euphorbiaceae* (4,60%). Já dentre as espécies em maior uso, estão a erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill) N.E. Br.), o capim-santo (*Cymbopogon citratus* (D.C.) Stapf.), tioiô comum (*Ocimum gratissimum* L.), hortelã-miúdo (*Mentha X villosa* Huds.), hortelã-graúdo (*Plectranthus amboinicus*), moringa (*Moringa oleifera* Lam.), boldo (*Plectranthus neochilus* Schltr.), e pitanga (*Eugenia uniflora* L.). As folhas foram as partes vegetativas mais citadas (63,87%), seguidas do fruto (14,29%), enquanto as preparações dos remédios caseiros mais apontadas foram em forma de chás (48,39%), seja por infusão ou decocção. As doenças e sintomas mais comuns citados, foram aquelas relacionadas a problemas gastrointestinais (12,94%), além de indicações para gripe, que obtiveram a mesma porcentagem de recomendações (12,94%). Esse estudo permitiu observar que a Comunidade da Lagoa Grande, ainda guarda consigo o conhecimento acerca do uso de plantas medicinais, cuja maior preferência se dá por estas, ao invés de medicamentos industrializados, permitindo assim seu fortalecimento e conservação da biodiversidade local.

Palavras-chave: Identificação. Plantas Medicinais. Conhecimento Tradicional.

IDENTIFICATION AND CATALOGING OF MEDICINAL PLANTS SPECIES PRESENT IN COMMUNITIES ASSISTED BY THE INCUBATOR OF POPULAR AND SOLIDARY ECONOMY INITIATIVES OF THE UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (IEPS / UEFS)

Abstract: Medicinal plants are currently used by traditional communities to treat diseases and symptoms. This study aimed to carry out a survey and identification of medicinal plant species, used in the Quilombola Community of Lagoa Grande, Maria Quitéria District, Feira de Santana - BA, as well as for which diseases or symptoms they are used. Semi-structured interviews were conducted with 57 local residents, which allowed the identification of the use of 87 different species of medicinal plants, belonging to 40 families. The most cited families were *Lamiaceae* (11.49%),

¹ Acadêmica em Agronomia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), beatrizsoarezz0@outlook.com.

² Acadêmica em Agronomia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), juliajulianna@hotmail.com.

³ Professor Titular, DCIS/PLANTERR, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), zeraimundo@uefs.br.

⁴ Professora Auxiliar, DCIS, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Analista Universitária Observatório Astronômico Antares/UEFS, prisma@uefs.br.

Asteraceae (8.05%), *Myrtaceae* (5.75%), *Anacardiaceae* (4.60%) and *Euphorbiaceae* (4.60%). Among the most frequently used species are lemon balm (*Lippia alba* (Mill) NE Br.), capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.), tuiô comum (*Ocimum gratissimum* L.), small mint (*Mentha X villosa* Huds.), large mint (*Plectranthus amboinicus*), moringa (*Moringa oleifera* Lam.), boldo (*Plectranthus neochilus* Schltr.) and pitanga (*Eugenia uniflora* L). The leaves were the most cited vegetative parts (63.87%), followed by the fruit (14.29%), while the most mentioned home remedies preparations were the teas (48.39%), either by infusion or decoction. The most common diseases and symptoms mentioned were those related to gastrointestinal problems (12.94%), in addition to influenza indications, which obtained the same percentage of recommendations (12.94%). This study allowed us to observe that the Lagoa Grande Community retains the knowledge about the use of medicinal plants, which are mostly preferred, instead of industrialized medicines, thus allowing their strengthening and conservation of the local biodiversity.

Keywords: Identification. Medicinal Plants. Traditional Knowledge.

1. INTRODUÇÃO

Conhecidas, segundo Monteiro & Brandelli (2017), como espécies vegetais, cultivadas ou não, cujo seu uso é voltado à fins terapêuticos, as plantas medicinais são empregadas por diversas comunidades, como uma alternativa eficaz no tratamento de doenças e cuidados com a saúde. Sua utilização na cura e tratamento de patologias, data desde períodos remotos que correspondem a maior parte da existência humana, sendo consideradas por bastante tempo, como o “remédio” da civilização, segundo Becker (2012). Sua finalidade terapêutica constitui-se como um saber milenar e tradicional, que se mantém vivo através da sua transmissão de geração em geração, carregando consigo, a bagagem cultural de um povo.

No Brasil, o conhecimento acerca do uso de plantas medicinais surge através da diversidade cultural propiciada por africanos, indígenas e europeus, iniciado antes mesmo ao processo de colonização; onde estes primeiros, contribuíram através das plantas que trouxeram consigo, utilizando-as tanto em rituais religiosos, quanto para funções terapêuticas (LORENZI; MATOS, 2002).

Destarte, até o século XX, o uso dessas plantas para a cura e tratamento de doenças no Brasil, ainda se fazia muito comum, sendo inclusive a base do sistema médico brasileiro até o final do século XIX. Todavia, com o advento da tecnologia no período

caracterizado pela industrialização e urbanização, o conhecimento tradicional acerca do uso destas, foi perdendo lugar para o consumo de fármacos sintéticos, o qual prometia a cura rápida e total, se tornando assim, de consumo comum entre a população (LORENZI; MATOS, 2002).

Mesmo que ainda notória a crença de grande parte dos indivíduos em produtos farmacêuticos industrializados, algumas comunidades, como as de origem quilombola, ainda carregam e põem em prática os costumes de seus antepassados, onde o uso das plantas medicinais é designado à cura e tratamento de doenças (SALES et al., 2009). Entretanto, Amorozo (2002) afirma que este conhecimento vem sofrendo constantes ameaças no que tange a sua propagação, em razão da exposição das comunidades à sociedade urbano-industrial, e conseqüentemente, às pressões culturais e econômicas externas; além da facilidade de acesso à medicina moderna nos dias atuais.

Dessa forma, a etnobotânica, definida por Alexiades (1996) como o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e todas as inter-relações com as espécies vegetais, sejam estas simbólicas, ecológicas e evolucionárias; surge com o papel de promover a integração entre o conhecimento acadêmico e o tradicional, que coadunados, promovem não só a manutenção e uso sustentável do espaço ambiental, como também o resgate e valorização do conhecimento local (STEENBOCK, 2006).

Isto posto, se utilizando da etnobotânica para compreender a forma pela qual esses indivíduos pensam, classificam e manipulam as espécies de plantas; e tendo em vista os projetos desenvolvidos pela Incubadora de Iniciativas de Economia Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS/UEFS), os quais atuam através de ações educativas coletivas, participativas e democráticas com a comunidade; este projeto objetivou realizar um levantamento sobre as espécies de plantas medicinais existentes na Comunidade Quilombola Lagoa Grande, bem como para quais doenças ou sintomas são utilizadas, com elaboração de cartilha como produto final. Em consequência, espera-se que o conhecimento popular local seja contemplado e fortalecido, incentivando assim o plantio e uso contínuo de plantas medicinais.

2. METODOLOGIA

2.1. ÁREA DE ESTUDO

Localizada na zona rural do Distrito de Maria Quitéria, próxima a BR 116 ao norte de Feira de Santana, no Território de Identidade Portal do Sertão – Bahia, a Comunidade Quilombola da Lagoa Grande, área de estudo deste projeto, recebeu este nome devido a uma lagoa de aproximadamente 6 km presente na região, que existiu por muitos anos como fornecedora de água, pescados e outros alimentos, para os habitantes que ali viviam.

Em relação ao seu surgimento, não se conhece com exatidão de qual quilombo dos arredores baianos a comunidade se originou. Deduz-se que sua população surgiu após a chegada de três irmãos, dentre eles Luís Pereira dos Santos, os quais saindo de Matinha dos Pretos, no período logo após a abolição da escravatura, entre os anos de 1900 a 1911; se apossaram de uma parcela de terra adequada à agricultura e com água potável, decidindo então se estabelecer no local (MENDONÇA, 2014).

Contudo, Oliveira et al., na Biblioteca Virtual Consuelo Pondé descreve que, a mudança dos irmãos para o local se deu através de um fazendeiro, que havia tomado posse das terras da Lagoa Grande, mesmo que estas fossem terras devolutas ou da Igreja Católica do São José, e pediu-lhes que viessem da Matinha dos Pretos para “tomar conta” destas.

Segundo Fundação Cultural Palmares (2014), a Lagoa Grande foi a primeira comunidade quilombola reconhecida em Feira de Santana, no ano de 2007, pela própria Fundação.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, foram realizadas pesquisas bibliográficas e discussões acerca dos temas que envolvem esse trabalho, consubstanciados em economia popular e solidária, tecnologias sociais e conhecimento tradicional, considerando sua interdisciplinaridade, visando compreender o ambiente socioeconômico da cultura das plantas medicinais. O projeto, bem como as demais atividades inerentes à própria IEPS/UEFS, foi previamente discutido com os integrantes da Incubadora, e, juntamente com o processo de orientação responsável pela adequação metodológica, foi possível traçar a metodologia a ser implementada para identificação das espécies de plantas. Esta, se concentrou na pesquisa-ação conforme Thiourent (2001), dada início através do primeiro contato com os moradores, no evento do VII Novembro Negro da Lagoa Grande, onde o projeto foi então apresentado.

Num segundo momento, através de reuniões e discussões, foi definido que, para pôr as ações do projeto em prática, seriam elaboradas entrevistas semiestruturadas com os moradores da Comunidade, com questões previamente estabelecidas, porém de forma a possibilitar o diálogo aberto e mais amplo. Essas questões foram baseadas num questionário já construído e executado anteriormente por outras bolsistas da Incubadora, porém em um plano de trabalho distinto, que possibilitou a este, uma lista contendo a relação de moradores e seus respectivos endereços, com um total de 108 famílias.

Após a estruturação do questionário, este foi levado até a Comunidade Lagoa Grande, onde juntamente com a orientação, responsável pela adequação metodológica, e com a líder comunitária e moradora, foi possível mapear os endereços dos 108 núcleos familiares contidos na lista, e então, traçar a rota a serem aplicados os questionários.

Dessa forma, de casa em casa, a entrevista foi realizada com os moradores, sendo assim possível identificar as espécies de plantas medicinais utilizadas por cada um, e para quais sintomas ou doenças estas são empregadas. Além disso, através de

conversas e das próprias questões pré-estabelecidas, também se efetuou um levantamento acerca das características produtivas e sociais da Comunidade.

Após finalização das entrevistas com todo o público participante, obteve-se um total de 57 entrevistados. Não é o caso nesta pesquisa por se tratar de uma abordagem qualitativa, mas, trata-se de uma amostra bastante representativa da ordem de 53% do universo, visitado 108 indivíduos, em uma comunidade de 150 residências e aproximadamente 500 moradores. Por fim, os resultados então obtidos com os entrevistados foram tabulados através do programa Excel, e em seguida, gráficos e tabelas foram gerados para melhor interpretação dos resultados finais.

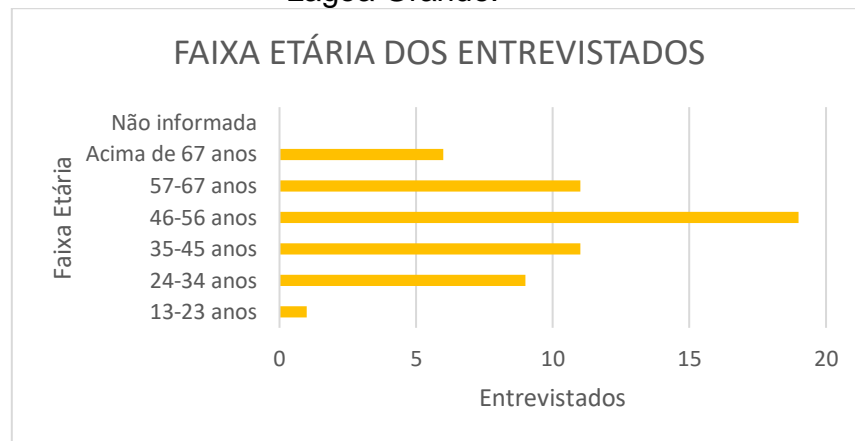
3. RESULTADOS

De acordo com os resultados obtidos, expressos no Gráfico 1, verificou-se que dentre os 57 entrevistados, a grande maioria é do sexo feminino, representando 68,42%. Do total, 33,33% possuem faixa etária entre 46-56 anos, o que comprova a maior predominância da terceira idade, enquanto apenas 1,75% possuem entre 13-23 anos (Gráfico 2). Resultados semelhantes foram encontrados no trabalho de Silva et al. (2010), onde a maior parcela dos entrevistados foi do sexo feminino, com faixa etária predominante de 50 anos. Segundo Guarim (1987), pessoas mais idosas guardam consigo informações valiosas acerca do uso de plantas, se constituindo como peça chave na difusão do conhecimento do potencial terapêutico destas.

Gráfico 1: Sexo dos entrevistados da Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.



Gráfico 2: Faixa etária dos entrevistados da Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.



Do total entrevistado, 36 nasceram na comunidade (Gráfico 3) e 73,7% dos entrevistados residem na Lagoa Grande há 23 anos ou mais (Gráfico 4), onde na grande maioria das residências, o número de moradores são três (35,1%) (Gráfico 5). Ainda foi possível observar que, apesar da maior quantidade de indivíduos constituir o grupo da terceira idade, 56,14% da população amostral ainda trabalha com agricultura, com 10,53% vivendo apenas dessa atividade. Enquanto isso, 31,58% tem como fonte de renda a aposentadoria, e 17,54% são autônomos. Dentre as outras ocupações ou fonte de renda citadas, estão os assalariados, pensionista, estudantes, dependentes unicamente de benefício social, e ainda o núcleo de mulheres que trabalham com Economia Popular e Solidária na Cantina, localizada no Módulo I, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) (Gráficos 6 e 7).

Gráfico 3: Número de entrevistados nascidos na Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.



Gráfico 4: Quantidade de tempo em que os entrevistados residem na Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.



Gráfico 5: Número de moradores por propriedade na Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.

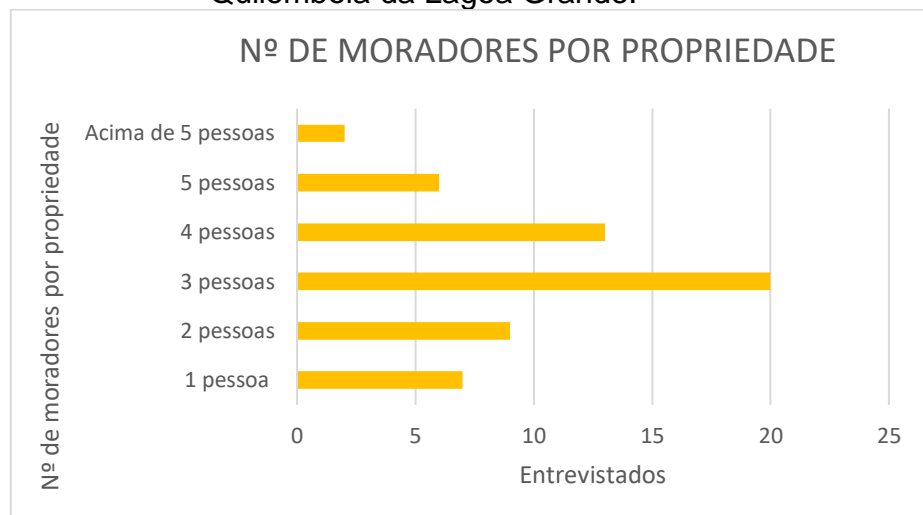


Gráfico 6: Número de entrevistados que trabalham com agricultura na Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.

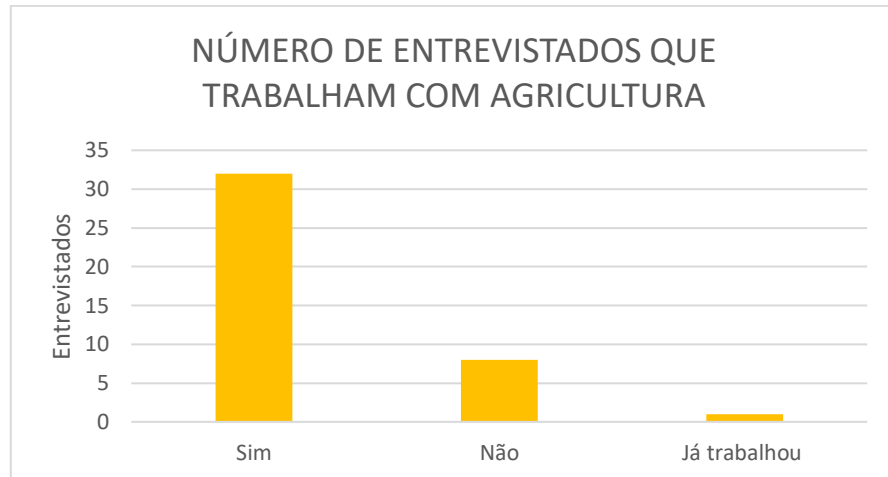
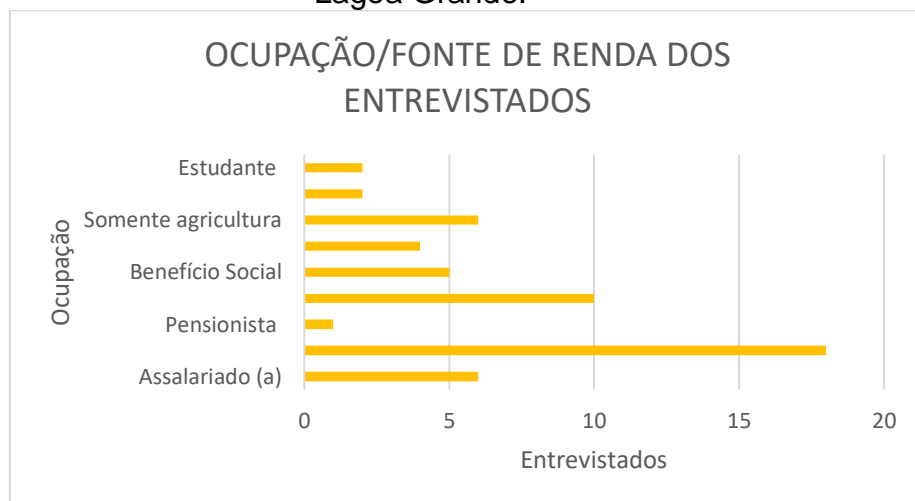
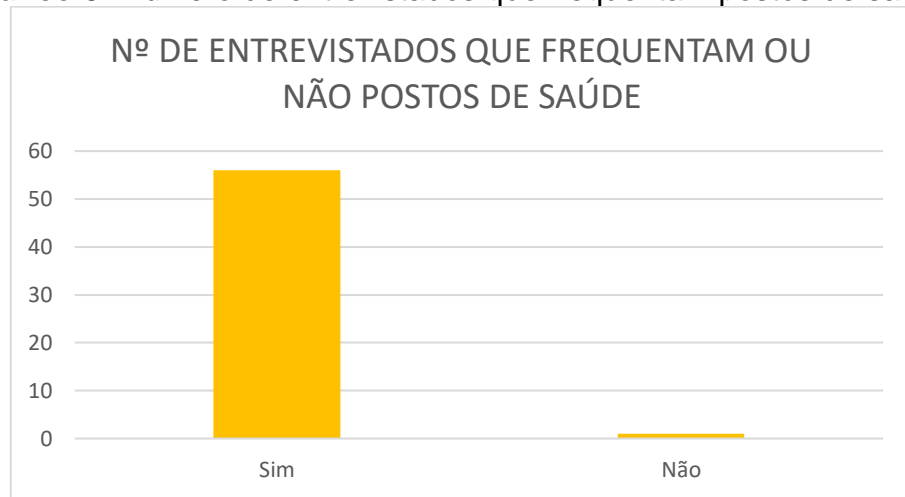
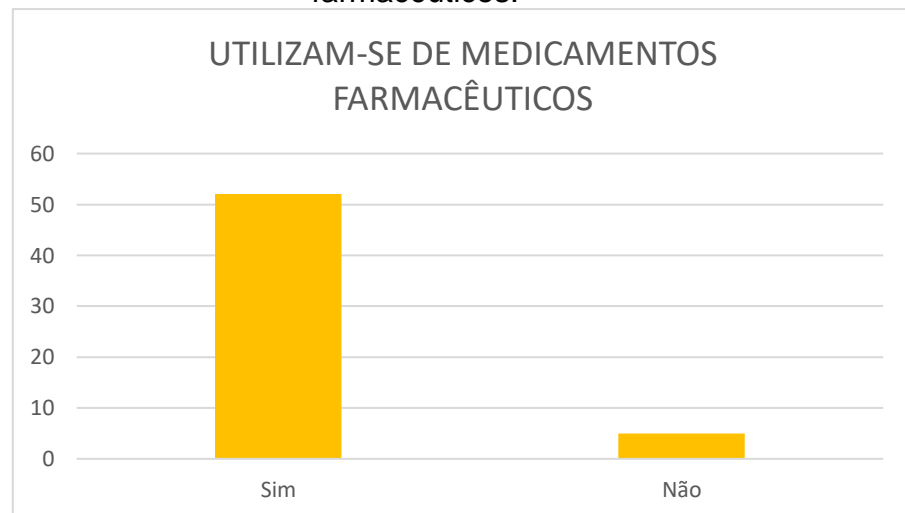
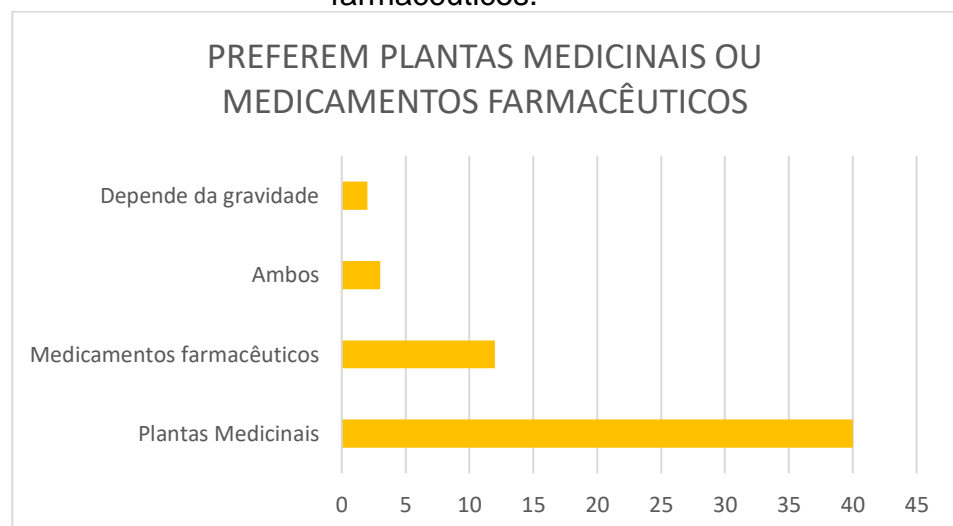


Gráfico 7: Fonte de renda dos entrevistados da Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.



Tratando-se do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais, de acordo com a pesquisa, apenas 1 dos entrevistados não frequenta postos de saúde, e 91,23% se utilizam de medicamentos farmacêuticos (Gráficos 8 e 9). A preferência pelo uso de plantas medicinais no tratamento de sintomas e doenças é de 70,17%, enquanto apenas 21,0% dos moradores dão preferência a medicamentos farmacêuticos; 5,26% disseram não haver diferença entre os dois usos e 3,51% afirmaram que a preferência pelas plantas ou por fármacos sintéticos irá depender da gravidade da enfermidade (Gráfico 10). Estudo semelhante desenvolvido por Monteles & Pinheiro (2007), evidenciou valores similares ao possuir 66,7% dos seus informantes dando preferência aos “remédios caseiros”, enquanto 25,7% utilizavam as plantas medicinais juntamente com os medicamentos industrializados.

Gráfico 8: Número de entrevistados que frequentam postos de saúde.**Gráfico 9:** Número de entrevistados que utilizam medicamentos farmacêuticos.**Gráfico 10:** Preferência dos entrevistados por plantas medicinais ou medicamentos farmacêuticos.

Quanto a origem das plantas usufruídas pela população amostral, 31,58% disseram que estas são encontradas nos seus próprios quintais; 26,31% afirmaram que além de possuírem algumas plantas medicinais cultivadas em seus quintais, adquirem mudas com seus vizinhos; e apenas 17,54% afirmaram fazer uso dessas plantas ao comprá-las em feiras livres (Gráfico 11). A grande maioria dos entrevistados asseguraram que as plantas são cultivadas, representada pelo número de 64,9%; enquanto os 35,1% restantes, disseram que algumas das plantas das quais possuem para finalidade terapêutica são cultivadas, enquanto outras são de origem silvestre (Gráfico 12). Pinto et al. (2006), constataram em seu trabalho que, a maior parte das espécies mencionadas pelos informantes são cultivadas, cerca de 74%, sendo mais da metade exóticas.

Gráfico 11: Obtenção das plantas medicinais utilizadas pelos entrevistados da Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.

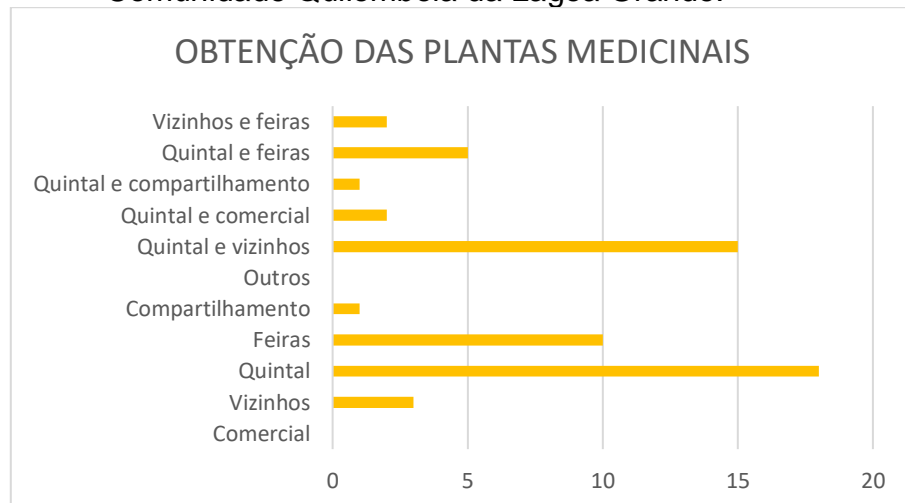
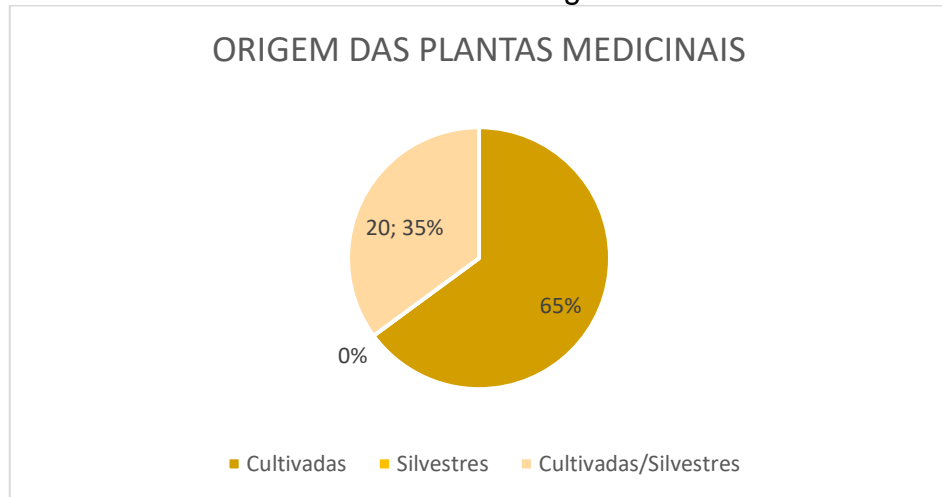
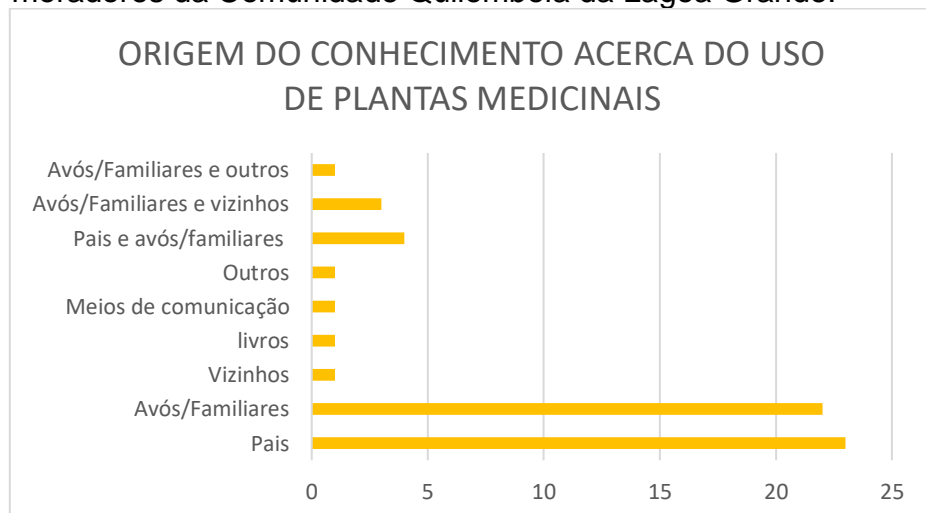


Gráfico 12: Origem das plantas medicinais utilizadas pelos entrevistados da Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.



Já em relação à origem do conhecimento sobre plantas medicinais, 40,3% afirmaram que o obtivera através dos pais, outros 38,6% disseram que através de avós ou familiares, enquanto 7% aprenderam sobre estas através de ambas as partes. O conhecimento através de livros, meios de comunicação e vizinhos, representaram 1,7% dos entrevistados cada (Gráfico 13). Silva et al. (2010) constataram em seu levantamento na cidade de Nova Xavantina, MT, que 71,5% dos entrevistados afirmaram adquirir as informações fitoterápicas sobre as espécies de plantas, através de geração em geração, enquanto os demais disseram que influência maior se deu através de amigos, vizinhos, ou até mesmo de livros sobre o assunto.

Gráfico 13: Origem do conhecimento acerca do uso de plantas medicinais pelos moradores da Comunidade Quilombola da Lagoa Grande.



Após levantamento das espécies e tabulação de dados, foi possível identificar 87 espécies distintas de plantas medicinais, pertencentes à 40 famílias botânicas. Dentre as famílias mais citadas estão Lamiaceae (11,49%), Asteraceae (8,05%), Myrtaceae (5,75%), Anacardiaceae (4,60%) e Euphorbiaceae (4,60%), como pode ser observado na Tabela 1. Ademais, algumas espécies de plantas não puderam ser identificadas de acordo com a nomenclatura botânica, e acabaram por constituir o grupo dos “indeterminados”, representados por 10,43% do total de espécies. Pinto et al. (2006), ao realizarem um levantamento sobre plantas medicinais presentes nas comunidades rurais de Itacaré, BA, Brasil, constataram que as famílias Lamiaceae e Asteraceae também aparecem entre as mais citadas, onde juntamente com as famílias Verbenaceae e Rutaceae, representam 30,6% das espécies.

Dentre as plantas mais utilizadas estão: erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill) N.E. Br.), capim-santo (*Cymbopogon citratus* (D.C.) Stapf.), tuiú comum (*Ocimum gratissimum* L.), hortelã-miúdo (*Mentha X villosa* Huds.), hortelã-graúdo (*Plectranthus amboinicus*), moringa (*Moringa oleífera* Lam.), boldo (*Plectranthus neochilus* Schltr.), pitanga (*Eugenia uniflora* L.), benzetacil/penicilina (*Alternanthera brasiliana* (L.) O. Kuntze), babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. F.), limão (*Citrus x limon* (L.) Osbeck) e mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.).

A erva-cidreira, planta com maior número de citações (35), é considerada uma das espécies medicinais mais utilizadas pela população brasileira, de acordo com a lista publicada pela Central de Medicamentos (CEME) (SANTOS; INNECO, 2004). Assim como citado pelos moradores da Lagoa Grande, Simões et al. (1986), afirmam que a *L. alba* é popularmente usada como calmante, analgésica, no tratamento gastrointestinal (MOREIRA et al., 2002), e dentre outras funções terapêuticas. Já a segunda espécie mais citada, o capim-santo (34 citações), também é comumente muito utilizada pelos brasileiros, sendo inclusive relatado por alguns autores o livre uso da planta, devido a inexistência de toxicidade (PEREIRA; PAULA, 2018). Moradores da Comunidade da Lagoa Grande, indicaram o uso das folhas de *Cymbopogon citratus* (D.C.) como calmante, no controle de pressão alta, dores de

cabeça, problemas com insônia, nervosismo, e rouquidão; onde as formas mais usuais são em chá ou em forma de suco. Por fim, a terceira espécie com maior número de citações, o tuiú comum (29 citações), originário da Ásia e África de acordo com Lorenzi & Matos (2000), teve seu uso voltado à ansiedade, gripe, vermes, e controle do colesterol, segundo entrevistados. As folhas e sementes são as partes comumente utilizadas, e geralmente são consumidas em forma de chá, vaporização/inalação, como condimentos/temperos, e em forma de banhos.

Tabela 1: Listagem de plantas medicinais utilizadas pelos moradores da Comunidade Quilombola de Lagoa Grande, Distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana-BA, organizadas em família/espécie, nome popular, parte da planta utilizada, forma de preparo, uso e número de citações.

Família / Espécie	Nome popular	Parte da planta utilizada	Forma de preparo	Uso	Nº de citações
Alliaceae:					
- <i>Allium cepa</i> L.	Cebola branca	Bulbo	Chá	Cansaço; gripe	1
- <i>Allium cepa</i> L.	Cebola roxa	Bulbo	Chá	Gripe	1
Amaranthaceae:					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze	Benzetacil/Penicilina	Folha	Chá; banho; macerada	Dores; anti-inflamatório; gripe; dor de cabeça; ferimentos; cólica	8
<i>Pfaffia stenophylla</i> (Spreng.) Standl	Novalgina	Folha	Chá; macerada; banho	Febre; dores; ferimentos; anti-inflamatória; alergias	5
Anacardiaceae:					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Folha	Chá	Inflamação na garganta; dores estomacais	1
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga espada	Folha; fruto	Chá; banho; <i>in natura</i>	Alergias; brotoejas	1
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.	Aroeira	Folha	Chá; banho	Anti-inflamatório; dor nas costas; inchaço; antibiótico	3
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajazeira	Folha; fruto	Chá; suco	Gordura no fígado	1
Annonaceae:					
<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	Folha	Chá; inalação	Intolerância a lactose; enxaqueca	2
<i>Rollinia sericea</i> R.E. Fries	Graviola	Folha; fruto	Banho; suco; <i>in natura</i>	Inchaço; dores; colesterol	2
Apiaceae:					
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	Folha; caroço; semente	Chá	Calmante; gases estomacais; cólica; má-digestão	4
Areceaceae:					
<i>Syagrus coronata</i>	Licuri	Fruto	<i>In natura</i> ; uso direto	Problemas oculares	1

Asteraceae:					
<i>Arnica montana</i> L.	Arnica	Folha	Chá; macerada; sumo	Cólica menstrual; ferimentos; desinflamatório; dor de dente; torção; osteoporose	5
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Milorna/Losna	Folha	Chá; condimento		2
<i>Baccharis trimera</i>	Carqueja do campo	Folha; botões	Chá	Gripe; hidratação capilar	1
<i>Egletes viscosa</i> Less.	Marcela	Folha; raiz	Chá; banho	Tosse; gripe; febre	3
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	Folha	Chá	Dores de barriga	1
<i>Taraxacum officinale</i>	Dente-de-leão	Folha	Chá	Diarreia	1
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Alumã	Folha	Chá	Má digestão	1
Boraginaceae:					
<i>Cordia corimbosa</i> (L.) Don.	Maria-preta	Folha	Chá	Gripe	1
<i>Heliotropium indicum</i> L.	Crista de galo	Folha	Chá	Cólica	1
Brassicaceae:					
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Folha	Suco	Ferimentos	1
Caprifoliaceae:					
<i>Sambucus australis</i> Cham & Schlttdl.	Sabugueiro	Folha; flor	Chá; banho; infusão	Tosse seca; gripe; pressão alta; sarampo; má digestão	4
Chenopodiaceae:					
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	Raiz tuberosa	Xarope; <i>in natura</i>	Gripe	1
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Folha	Chá; macerado (com leite)	Gripe; cicatrizante; verme	6
Cleomaceae:					
<i>Hemiscola aculeata</i> (L.) Raf.	Cecé	Folha	Chá; banhos	Gripe; febre	1
Compositae:					
<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	Semente	Chá	Para bebês no nascimento de seus dentes	2
Crassulaceae:					
<i>Kalanchoe daigremontiana</i>	Pé de aranto	Folha	Macerado	Câncer	1
Cucurbitaceae:					
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano	Folha; fruto	Chá	Vermes; abortivo	1
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	Folha; fruto	Chá; suco	Pressão alta; calmante; insônia	2
Euphorbiaceae:					
<i>Croton campestris</i> Muell. Arg	Velame-de-bode	Folha	Chá	Sinusite	1
<i>Jatropha cf. martiusii</i> Baill.	Espinheira-santa	Folha	Infusão	Gastrite	3
<i>Jatropha multifida</i>	Merthiolate	Folha	Uso direto; chá	Bactérias; anti-inflamatório	3
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	Folha; raiz	Chá	Pedras nos rins; desinflamatório	2
Fabaceae:					

<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tull.	Caatinga de porco	Folha; flor	Chá	Dor de barriga; gripe	2
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	Raiz; folha	Decocção; chá	Gripe; tosse	2
Lamiaceae:					
<i>Hyptis leucocephala</i> Mart. ex Benth	Alecrim do mato	Folha	Tempero; banho; inalar	Sinusite	1
<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-são-francisco	Folha	Ingestão; parche	Cicatrizante	1
<i>Melissa officinalis</i> L.	Melissa	Folha	Chá	Calmanete; pressão alta	1
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo/Puejo	Folha	Chá; Xarope	Gripe; bronquite; pneumonia; tosse; cólica	4
<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã-miúdo	Folha	Chá; tempero; xarope	Má digestão; tosse; vermes; detox; dor de barriga; gripe; hidratação capilar	15
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço/Alfavaca	Folha	Chá; banho; tempero	Febre; gripe; má digestão; alergias	5
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Tioiô comum	Folha; sementes	Chá; banho; tempero; infusão; vaporização	Prisão de ventre; dores de barriga; gripe; verme; controle do colesterol; má digestão; ansiedade	29
<i>Plectranthus amboinicus</i>	Hortelã-graúdo	Folha	Chá; tempero; xarope	Gripe; Dores estomacais; má digestão; tosse; catarro; bronquite	15
<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Boldo	Folha	Chá; xarope; suco	Má-Digestão; azia	11

<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Folha	Chá; infusão	Hidratação capilar; dor de cabeça	2
Lauraceae:					
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Fruto	Vitamina; polpa	Hidratação capilar	1
Leguminosae:					
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud	Pata-de-vaca	Folha	Chá	Tratamento de diabetes	1
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Folha; fruto	Suco	Calmante; má digestão; pressão alta; cansaço	4
Liliaceae:					
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Folha, bulbo, casca	Chá; xarope; infusão; suco	Febre; gripe; pressão alta	3
Alium tuberosum Rottler ex Sprengl					
	Alho japonês	Folha	Suco; tempero; chá	Dor de barriga; tratamento capilar; mal-estar	1
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Babosa	Folha	Chá; extração do gel mucilaginoso	Hidratação capilar; pele	6
Malpighiaceae:					
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Folha; fruto	Chá; suco	Gripe	3
Malvaceae:					
<i>Gossypium barbadense</i> L.	Algodão	Folha; fruto; flor	Chá; macerado; banho	Queimação no estômago; anti-inflamatório; cólicas; gripe; pancadas	5
Moringaceae:					
<i>Moringa oleifera</i> Lam.	Moringa	Folha; flor; raízes; semente; casca do caule	Chá; extrato; óleo	Tratamento de diabetes; controle do colesterol; dores de barriga; pressão arterial; problemas sanguíneos; falta de ar; gripe; febre; anemia; dor de cabeça; mal-estar; dores; hidratação capilar	14
Myristicaceae:					
<i>Myristica fragrans</i> Houtt	Noz-moscada	Fruto; caroço	Chá; raspas	Dores; mal estar; indigestão	2
Myrtaceae:					
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	Folha	Chá; inalação; banho	Sinusite	2
<i>Eugenia caryophyllata</i>	Cravo-da-Índia	Botão da flor	Chá	Dores; infecções	1
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Folha	Chá, banho	Gripe	10
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Folha	Chá; infusão	Hidratação capilar; dor de barriga; diarreia	4

<i>Psidium sp.</i>	Araçá	Folha	Chá	Dor de barriga	1
Nyctaginaceae:					
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega-pinto	Raiz	Decocção	Problemas urinários	1
Passifloraceae:					
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Fruto	Suco	Calmanete; má digestão	2
Piperaceae:					
<i>Peperomia pelúcida</i> (L.) H.B.K	Alfavaca-de-cobra	Folha	Chá, xarope	Cólica; má digestão; pressão arterial alta	5
Plantaginaceae:					
<i>Plantago major</i> L.	Trançagem	Folha	Chá	Inflamação na garganta; dores; inflamações no útero; cólicas	3
Poaceae:					
<i>Aristida pallens</i>	Barba-de-bode	Folha	Chá	Fígado	1
<i>Cymbopogon citratus</i> (D.C.) Stapf.	Capim-santo	Folha	Chá, suco	Calmanete; pressão alta; estimula o sono; nervosismo; insônia; dor de cabeça; rouquidão	34
Punicaceae:					
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Semente, fruto	<i>In natura</i> ; chá; suco	Dor de garganta	5
Rubiaceae:					
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Zé Mané/Vassourinha de botão	Folha	Chá	Gripe	1
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Folha; fruta	Chá; suco; bala	Anemia	1
<i>Morinda citrifolia</i>	Noni	Fruto; folha	Suco; banhos	Nódulos; cistos	1
Rutaceae:					
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	Folha; fruto	Chá; suco	Calmanete; dores de cabeça; insônia; pressão alta	5
<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Limão	Folha; fruto	Chá; suco	Calmanete; gripe; pressão alta; ferimentos	6
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Folha	Chá; banho	Dor de ouvido	1
Scrophulariaceae:					
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	Folha	Chá; banho	Torção; coluna; infecção urinária	2
Urticaceae:					
<i>Pilea microphylla</i> (L.) Lieb	Brilhantina	Folha	Chá	Cólicas; para bebês no nascimento dos seus dentes	2
Verbenaceae:					
<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies et. Hook)	Alfazema	Folha	Chá	Cólicas	1

<i>Lippia alba</i> (Mill) N.E. Br.	Erva-cidreira	Folha, flores	Chá, infusão	Gases intestinais; calmante; controle do colesterol; bebida; pressão alta; gripe; má digestão; dor de cabeça; ressecamento; calmante; alergias; dores; nervosismo; esquecimento; ansiedade	35
Zingiberaceae:					
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Raiz	Chá	Tosse; garganta inflamada	1
Indeterminado:					
	Tioiô Canela	Folha; semente	Chá; inalador	Pressão alta; insônia; expectorante; descongestionante	5
	Alecrim do reino	Folha	Chá; banho	Impotência; fraqueza; gripe	1
	Gereminha/Jereminha	Folha	Chá	Problemas estomacais; ressaca	3
	Babosa japonesa	Folha	Chá; hidratação	Hidratação capilar	1
	Desinflamadeira	Folha	Chá	Dores de dente, anti-inflamatório; cólicas; infecção urinária	3
	Ampicilina	Folha	Chá	Anti-inflamatório	1
	Milagrosa	Folha	Chá	Má digestão	1
	Chorão	Folha	Chá	Calmante; problemas de coração	1
	Gerebão	Folha	Chá	Má digestão	1

Em relação às partes vegetais empregadas na preparação de “medicamentos caseiros”, as folhas são as mais citadas (63,87%), seguidas do fruto (14,29%), semente e raiz (5,04% cada), flor (4,2%), bulbo, botões florais e caroço (1,68% cada). As partes menos utilizadas são as cascas, raízes tuberosas, e cascas de caule, representando 0,84% cada uma.

As formas de uso das plantas medicinais em sua grande maioria, se dá em formas de chás, seja por infusão ou decocção (denominado assim para chás feitos de raízes, caules ou cascas), representando 48,39% das formas de uso citadas. Outras foram identificadas: em forma de banho (11,61%), sucos (10,32%), hidratação capilar (5,81%), xarope (4,52%), condimento/tempero (4,52%), macerada (3,87%), *in natura* (3,87%) e inalação ou vaporização (1,94%). Preparações menos comuns entre os entrevistados foram: sumo, vitamina, extração do gel mucilaginoso, extrato, óleo vegetal, parche, balas, e raspas, cada um representando 0,65% das citações.

No tocante às indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas, as que mais se destacaram foram aquelas destinadas a problemas gastrointestinais (12,94%), os quais envolveram sintomas como dores de barriga, má digestão e dores estomacais; além de indicações para gripe, que obtiveram a mesma porcentagem de recomendações, 12,94%. Outras utilidades terapêuticas com grande significância, foram o uso de plantas no controle da pressão alta (5,97%), como função calmante (5,47%), e no alívio de cólicas (5,47%). Diversos outros sintomas e doenças foram relacionados pelos entrevistados às espécies de plantas medicinais, como demonstrados na Tabela 1. Zucchi et al. (2013) encontraram resultados semelhantes no levantamento que realizaram na cidade antiga e de tendência agrícola de Ipameri-GO, onde a enfermidade citada em maior número pelos entrevistados, foi a gripe (35%), seguida de transtornos digestivos (18%). Estudos realizados por Vásquez, Mendonça e Noda (2014), em comunidades ribeirinhas de Manacapuru, Amazonas, também permitiram observar que doenças do aparelho digestivo, estavam dentre as três mais mencionadas entre os entrevistados, com o sintoma “dor de barriga” em maior evidência.

Devido ao cunho semiestruturado das entrevistas, também pôde-se perceber em diálogo com a população entrevistada da Comunidade Lagoa Grande, que uma quantidade considerável de moradores, demonstraram interesse em participar de um projeto que pudesse promover o uso de plantas medicinais e fortalecer o conhecimento tradicional local.

A etapa final deste trabalho, que se constituía na elaboração de cartilhas informativas contendo as informações obtidas juntamente com a Comunidade, não foi possível ser efetuada, devido à situação atual de enfrentamento à pandemia de Covid-19, entretanto, o projeto continua na busca de dados e informações, bem como na perspectiva do contato com os residentes no Quilombo na perspectiva de elaboração da Cartilha, tão logo a situação de pandemia nos permita.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho permitiu verificar que, grande parte da população da Comunidade Quilombola Lagoa Grande, ainda guarda consigo o conhecimento acerca das plantas medicinais e suas funcionalidades terapêuticas, dando preferência a estas no tratamento de sintomas e doenças, ao invés de medicamentos industrializados. Isso nos permite inferir uma forte relação entre a ancestralidade quilombola e algumas práticas das comunidades tradicionais.

Com efeito, notou-se ainda que os maiores detentores desse conhecimento, concentram-se entre a parcela feminina e entre as pessoas mais velhas, sendo estas últimas principais responsáveis pela transmissão ao longo das gerações.

A pesquisa ainda possibilitou identificar que, maior parte das plantas utilizadas são cultivadas nos próprios quintais dos moradores, onde as espécies melhores adaptadas ao clima local, aparecem em maior evidência. Aliando este fato, ao interesse de uma boa parcela dos entrevistados em participar de uma atividade que envolva a conservação das espécies de plantas medicinais, e disseminação do seu uso; nota-se que um projeto que contemple o incentivo ao plantio dessas espécies, e a transmissão de suas funções terapêuticas por toda a Comunidade, pode ser desenvolvido, fortalecendo assim o conhecimento tradicional local, conservando a biodiversidade ali existente, e ofertando uma forma natural no tratamento de enfermidades. Tudo isso, com efeito, reforça na ancestralidade quilombola, bem como outros elementos endógenos de uma outra economia, a economia das diversas dimensões, a popular e solidária, possibilitadora do empoderamento individual, coletivo e comunitário local.

REFERÊNCIAS

ALEXIADES, M.N. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York, T. New York Botanical Garden Press, 1996.

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Laverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 16(2): 189-203, 2002.

- BECKER, M. M. *Programas de fitoterapia na rede pública de saúde no Brasil*. 2012. 30f. Monografia (XIV Curso de Especialização em Saúde Pública) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. “Quadro geral por estados de comunidade remanescentes de quilombo”. 2014. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- GUARIM, N. G. *Plantas utilizadas na medicina popular do Estado de Mato-Grosso*. Brasília, 1987. CNPq. Assessoria editorial.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. *Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.
- LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. *Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas*. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2000. 512p.
- MENDONÇA, L. C. *Escrevivendo escrita de remanescentes quilombolas no domínio escolar e na vida cotidiana: uma abordagem dialógica*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, PUC-RS, 2014.
- MONTEIRO, S. C.; BRANDELLI, C. L. C. *Farmacobotânica: aspectos teóricos e aplicação*. Porto Alegre: Artmed, 2017. 156p.
- MONTELES R., P. CUB 2007. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. *Rev Biol Cien Terra* 7: 38-48.
- MOREIRA, R.C.T. et al. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. *Acta Farmacêutica Bonaerense*, v.21, n.3, p.1-7, 2002.
- OLIVEIRA, J.R. et al. “Sabores do Quilombo da comunidade quilombola de Lagoa Grande”. Biblioteca Virtual Consuelo Pondé. Disponível em: <<http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=152>>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- PEREIRA, P. S.; PAULA, L. L. R. J. Ações terapêuticas do capim-santo: uma revisão de literatura. *Revista Saúde em Foco*, ed. nº 10, 2018.
- PINTO, E. P. P. et al. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 20(4): 751-762. 2006.
- SALES, G.P.S. et al. Estudo do uso de plantas medicinais pela Comunidade Quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, suplemento especial, n.º 1, p. 31-36, 2009.
- SANTOS, M.R.A.; INNECCO, R. Adubação orgânica e altura do corte da erva-cidreira brasileira. *Horticultura Brasileira*, v.22, n.2, p.182-5, 2004.

SILVA, M. A. B. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas como anti-hiperlipidêmicas e anorexígenas pela população de Nova Xantina-MT, Brasil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 20 (4): 549-562, ago./set. 2010.

SIMÕES, C. M. O. *et al.* *Plantas da Medicina Popular no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Edição da Universidade/UFRGS, 1986.

STEENBOCK, W. 2006. Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público. In: R. Kubo; J. B. Bassi; G. C. Souza; N. L. Alencar; P. M. Medeiros; U. P. Albuquerque. (Orgs.). *Atualidades em etnobiologia e etnoecologia*. Recife: NUPPEA: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etonoecologia, p. 65-84.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VÁSQUEZ, S. P. F., MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. *Acta Amazonica*, v. 44 (4), p. 457-472, 2014.

ZUCCHI, M. R. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri – GO. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 273-279, 2013.